

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES
CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA PLENA**

Paulo Jorge Vieira da Silva

**O ÓCIO DEVERIA SER VALORIZADO, SEGUNDO BERTRAND
RUSSELL.**

Maceió / AL

2022

CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA PLENA

Paulo Jorge Vieira da Silva

**O ÓCIO DEVERIA SER VALORIZADO, SEGUNDO BERTRAND
RUSSELL**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Universidade Federal de Alagoas – UFAL, do curso de Filosofia Licenciatura Plena – Noturno, como requisito total para a obtenção de diploma para licenciamento em Filosofia.

Maceió / AL

2022

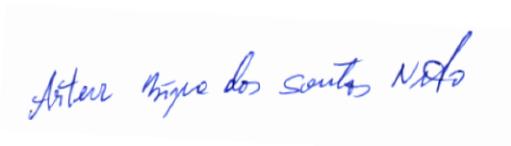
Paulo Jorge Vieira da Silva

O ÓCIO DEVERIA SER VALORIZADO, SEGUNDO BERTRAND RUSSELL

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Universidade Federal de Alagoas – UFAL, do curso de Filosofia Licenciatura Plena – Noturno, como requisito total para a obtenção de diploma para licenciamento em Filosofia.

Aprovado em 05 de Março de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof.(Artur Bispo dos Santos Neto) Orientador



Prof. (Dr. Francisco Pereira de Sousa) Banca1



Prof. (Dra. Tatiana Lyra Lima Félix) Banca2

Maceió / AL

2022

Dedicatória

Dedico este trabalho à mulher que me presenteou com a oportunidade de habitar a este mundo, tendo assim a oportunidade de conhecer e me aprimorar cada vez mais como um ser humano no percurso desta existência finita. Maria Cristina Vieira da Silva, minha eterna e amada mamãe. Também ao meu querido e saudoso papai, Jorge Paulo da Silva, a quem tenho por esteio e modelo de homem íntegro. A minha amada esposa Marilene Otte. Gratidão!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, o criador pela oportunidade da vida. Depois aos meus pais, a minha amada esposa Marilene Otte e amigos, professores, principalmente aos professores Artur Bispo e Alberto Vivar Flores por terem gentilmente me oferecido orientação. Em especial ao meu orientador professor Artur Bispo dos Santos Neto, por gentilmente me orientar, sempre solícito e dedicado. Sem estes o meu trabalho não seria possível.

"O crescimento exige"
Soren A. Kierkegaard

RESUMO: Desde a revolução industrial, trabalhar demasiadas cargas horárias era sinônimo de sobrevivência. Hoje na modernidade as coisas pouco mudaram. Será que nesta época atual, com tanta tecnologia ao dispor do ser humano é possível se pensar em ócio? Ócio advém do latim *Otium* que significa lazer e descanso. Segundo Bertrand Russell (1872/1970), em sua obra *O Elogio ao Ócio* (2002), o ócio deveria ser valorizado, pois com a potencialidade tecnológica que o mundo moderno possui, poderiam as pessoas tranquilamente ter um uma jornada diária de 4 horas de trabalho sem redução de salário, sendo que as horas restantes do dia caberiam para a convivência familiar, social, e proporcionariam lazer, como também atividades agradáveis ao intelecto. Através de pequenas reflexões sobre a obra de Russell (2002) serão feitas algumas análises sobre a necessidade da valorização do Ócio dentro da sociedade global, através de um viés filosófico Russelliano.

Palavras-chave: Lazer, Modernidade, Ócio, Reflexão, Russell, Tecnologia.

ABSTRACT: Since the industrial revolution, working too many workloads has been synonymous with survival. Today in modernity things have changed a little. Is it possible to think of idleness in this present time, with so much technology at the disposal of the human being? Technology. Idle comes from the Latin *Otium* which means leisure and rest. According to Bertrand Russell (1872/1970), in his work *In praise of idleness* (2002), idleness should be valued, because, with the technological potential that the modern world has, people could quietly have a daily work day of 4 hours of work without reduction of salary, and the remaining hours of the day would fit for family life, and would provide leisure, as well as activities pleasing to the intellect. Through small reflections on Russell's work (2002), some analyses will be made on the need to value Idleness within global society, through a Russellian philosophical bias.

Keywords: Leisure, Modernity, Idleness, Reflection, Russell, Technology.

SUMÁRIO

1- Introdução.....	11
2- Um pouco sobre Filosofia e Bertrand Russell.....	12
3- Direito à preguiça e o Elogio o ao ócio.....	20
4- Resoluções do problema.....	31
5- A finalidade do Ócio.....	32
6- Considerações finais.....	33
Referências.....	36

1- Introdução

Este trabalho tem como objetivo demonstrar, através da visão filosófica de Bertrand Russell, que o ócio deveria ser valorizado. Como? Através de uma análise da introdução e demais quatro capítulos iniciais do livro de Bertrand Russell (1872-1970) “O elogio ao ócio”.

O ócio dentro da filosofia possui demasiadas maneiras de ser estudado e analisado. Ócio advém do latim *Otium* que significa lazer e descanso. O que o trabalho a ser apresentado se propõe é mostrar o ócio na visão russelliana, ou seja, como Bertrand Russel (1872-1970) defendia a sua importância. A tarefa principal da filosofia se revela na análise e investigação de toda uma gama de elementos pertinentes ao objetivo de defesa de uma tese, para qualificar ela como fundamentada ou não. Assim, podemos considerar ócio como tempo disponível da sociedade ou tempo excedente (que sobra) que pode ser utilizado de forma criativa ou produtiva. Para Russell, o ócio seria um tempo útil, valioso e produtivo. Como? As pessoas poderiam passar esse tempo com suas famílias, amigos, tendo lazeres e descanso físico e mental adequados, crescimento intelectual ou até mesmo para ganhar dinheiro. Para Russell o importante é que as pessoas teriam a livre escolha de suas atividades em seu tempo livre. Elas não precisam trabalhar 24 horas por dia para possuírem qualidade de vida, possuiriam o necessário para se viver. Trazendo esta reflexão para os dias atuais, será que com tanta tecnologia no século XXI, não daria para nos proporcionar tais benefícios, e assim também aproveitarmos de tempo livre para atividades de nossa predileção? Na época da abordagem de Russell era o século XX, e ele defendia que era possível quatro horas de labor diário, isso ele analisando o aparato tecnológico industrial de sua época. Será que hoje não temos condições melhores para se implementar isso até mesmo em menos horas de jornada de trabalho diário? Evidente que poderíamos gastar bem menos tempo trabalhando para assegurar nossa existência material e sobraria bastante tempo livre para se dedicar às atividades produtivas, criativas e de entretenimento, o problema é que vivemos numa sociedade de classes e num modo de produção assentado sobre a exploração do trabalho, ou seja, naquilo que Marx lucidamente denominou de mais-trabalho ou mais-valia.

No entendimento de Russell:

Além de desejável o ócio é um estado ao qual a maioria das pessoas poderia ter acesso, bastando que fosse mais valorizado do que as ocupações produtivas, largamente instrumentais, de que é feita a jornada de trabalho. A tecnologia moderna possibilita a instituição da jornada de quatro horas sem a redução de salários e sem a extinção de postos de trabalho. Uma vez libertos da tirania do trabalho, diz Russel, homens e mulheres poderiam ser livres para se dedicarem a atividades de seu exclusivo interesse. (WOODHOUSE apud RUSSELL, 2002, p.9)

O ócio deveria ser valorizado. Assim o filósofo britânico, Bertrand Russell (1872/1970), defendeu em sua obra *O elogio ao ócio* (2002). Em alguns ensaios contidos em seu livro são explicados argumentos que defendem que, após a revolução industrial seria possível o cultivo do ócio para beneficiar a sociedade como um todo.

2- Um pouco sobre Filosofia e Bertrand Russell

O que seria filosofia? Um passaporte para o futuro? Liberdade ou prisão? Solução ou enigma? Já ouvi falar sobre tantos feitos memoráveis como alguns de Sócrates, por outro lado, o que ouço discorrer sobre a filosofia, é que ela representa mais uma problema na realidade humana, do que propriamente feitos memoráveis, soluções miraculosas, paz de espírito, ou saber de forma plácida e gratuita. Assim pensava Edmund Husserl (1859/1938):

O que pretendo sob o título de filosofia, como fim e campo das minhas elaborações, sei-o, naturalmente. E contudo não o sei... Qual o pensador para quem, na sua vida de filósofo, a filosofia deixou de ser um enigma? ... Só os pensadores secundários que, na verdade, não se podem chamar filósofos, estão contentes com as suas definições. (GALLO apud. HUSSSEL).’

Qual seria então o papel da filosofia diante dos demasiados problemas da vida, senão quebrar os grilhões que aprisionam a liberdade cândida de um pensar ativo e prospero da mente humana? Será que a filosofia nos exige um alto preço durante uma vida aliada a um contínuo processo de filosofar? Filosofia também significa separar,

significa espanto, choque, filosofar choca, maravilha, entristece, causa náusea. Filosofia também significa crise, e filosofar também é estar em crise.

Segundo Santos (2017, p. 2) o termo crise em grego (crisis) “significava separação, abismo e, também juízo, decisão, etc.”. O caminho que se percorre no filosofar é o caminho do saber. A jornada é longa, as descobertas muitas vezes são inóspitas. Muitos se arrependem de se jogar no caminho, porque é um caminho sem volta. Outros continuam seguindo sejam quais forem as consequências.

Assim dizia Heidegger (1889/1976):

Os pensadores gregos, Platão e Aristóteles, chamaram a atenção para o fato de que a filosofia e o filosofar fazem parte de uma dimensão do homem, que designamos disposição (no sentido de uma totalidade afetiva que nos harmoniza e nos convoca por um apelo).

A filosofia sempre se fez parte do homem, juntamente com ela vem o espanto. O espanto é o início de todo o processo do caminho do filosofar. Vejamos mais do que Heidegger (2017, p. 19) tem a dizer:

Platão diz: (...) “É verdadeiramente de um filósofo este *pathos* – o espanto; pois não há outra origem imperante da filosofia que este”.

O espanto é, enquanto *pathos*, a *arkhé* da filosofia. Devemos compreender, em seu pleno sentido, a palavra grega *arkhé*. Designa todo aquilo onde algo surge. Mas este “de onde” não é deixado para trás no surgir; antes, a *arkhé* torna-se aquilo que é expresso pelo verbo *arkhein*, o que impera. O *páthos* do espanto não está simplesmente no começo da filosofia, como, por exemplo, o lavar das mãos precede a operação do cirurgião. O espanto carrega a filosofia e impera em seu interior.

Segundo Heidegger (2017, p. 19), citando Aristóteles, complementa a função do *páthos* dentro da filosofia, que seria o impulso ao caminho do filosofar. Abaixo:

Aristóteles diz o mesmo: (...) “Pelo espanto os homens chegam agora e chegaram antigamente à origem imperante do filosofar” (àquilo de onde nasce o filosofar e que constantemente determina sua marcha).

Seria muito superficial e, sobretudo, uma atitude mental pouco grega se quiséssemos pensar que Platão e Aristóteles apenas constatam que o espanto é a causa do filosofar. Se esta fosse a opinião deles, então diriam; um belo dia os homens se espantaram, a

saber, sobre o ente e sobre o fato de ele ser e de que ele seja. Impelidos por este espanto, começaram eles a filosofar.

A filosofia é advinda por demasiados caminhos, muito desses caminhos não são nada complacentes, são tortuosos, são inconsoláveis, para quem pretende segui-los. Mas no caminho do filosofar, o que precisa o filósofo para acurar suas potencialidades filosóficas? O que precisaria o ser humano para abandonar a caverna de Platão, e começar a enxergar a realidade como ela é? O que seria realidade? Segundo Bertrand Russell precisamos de Ócio, tempo vago, para a contemplação dos pensamentos sobre o mundo, sobre a vida, sobretudo. O que seria ócio? O que seria Ócio no viés da filosofia? O que seria Ócio na visão filosófica russelliana? Bertrand Russel acreditava que a filosofia deveria preparar o terreno para uma ciência pragmática que permitiria ao homem dedicar-se ao aperfeiçoamento do mundo em que se vive (MERLEAU-PONTY, 1975). São tais perguntas que nortearam a continuidade deste trabalho, que tem por objetivo mostrar que o ócio deveria ser defendido, segundo Bertrand Russell.

Bertrand Arthur William Russell (1872-1970) foi um filósofo, lógico, ensaísta e crítico social britânico mais conhecido por seu trabalho em lógica matemática e filosofia analítica. Suas contribuições mais influentes incluem sua defesa do lógico (a visão de que a matemática é em algum sentido importante redutível à lógica), seu refinamento do cálculo de predicado de Gottlob Frege (que ainda forma a base da maioria dos sistemas de lógica contemporâneos), sua defesa de monismo neutro (a visão de que o mundo consiste em apenas um tipo de substância que não é exclusivamente mental nem exclusivamente física) e suas teorias de descrições definidas, atomismo lógico e tipos lógicos (BLANK, 2008).

De família aristocrática, filho do visconde de Amberley, ficou órfão aos três e foi educado por preceptores e governantas na casa da avó, até ingressar no Trinity College, em Cambridge. Russell mostrou seu grande interesse por matemática e ciências exatas, afirmando que elas constituíam a fonte de todo o progresso humano (COSTA et. ali, 2012).

Em 1890, Bertrand ingressou na Universidade de Cambridge, onde estudou Filosofia e Lógica. No final do século XIX, junto com Edward Moore, reagiu contra o idealismo dominante e restabeleceu a tradição empirista de filósofos como Hume. Passou a publicar seus ensaios em revistas especializadas.

Em 1910 publicou o primeiro volume da obra “Principia Mathematica” (FERGUSON, 2018). Ainda em 1910 ingressou como mestre de conferências na Universidade de Cambridge e deixou importantes contribuições ao problema de fundamentação lógica da matemática. Em 1911 publicou “Problems of Philosophy” e “Our Knowledge of the External World” em 1914, que confirmaram o seu inegável prestígio. Bertrand Russell sempre demonstrou grande interesse pelos problemas sociais, se posicionou a favor da emancipação feminina (JASPERS, 1971).

Em 1916 foi obrigado a se demitir da Universidade, em virtude da participação em movimentos pacifistas, durante a Primeira Guerra Mundial. Foi multado e preso. Bertrand Russell passou cinco meses na prisão, época em que escreveu “Introdução à Filosofia Matemática”, publicada em 1919. Em 1920, Bertrand viajou para a Rússia e para China, onde realizou uma série de conferências durante este ano. Nessa época escreveu livros populares de Ética, Matemática e Filosofia (MERLEAU-PONTY, 1998).

Após visitar a Rússia, ele fez duras críticas ao regime comunista. Denunciou a natureza totalitária do regime soviético e predisse e condenou muitos aspectos do que seria mais tarde chamado de stalinismo. Reuniu suas conferências na obra “The Analysis of the Mind” (1921). Em 1939 mudou-se para os Estados Unidos, onde lecionou na Universidade da Califórnia. Em 1944, voltou para a Inglaterra, retornando ao Trinity College. Em 1944 foi condecorado com a Ordem do Mérito (MONTAIGNE, 2016).

Bertrand Russell acreditava que a filosofia deveria preparar o terreno para uma ciência pragmática que permitiria ao homem dedicar-se ao aperfeiçoamento do mundo em que se vive. Apesar de sua imensa produção filosófica, que abordava assuntos como física, lógica, religião, educação e moral, Russell nunca foi uma personalidade estritamente acadêmica. A obra filosófica mais lida de Russell é a “História da Filosofia Ocidental” (1945), que se tornou um best-seller no Reino Unido e nos Estados Unidos. Em 1950 recebeu o Prêmio Nobel de Literatura (MERLEAU-PONTY, 1975).

Junto com GE Moore, Russell é geralmente reconhecido como um dos fundadores da filosofia analítica moderna. Seu famoso paradoxo, teoria dos tipos e trabalho com AN Whitehead em *Principia Mathematica* revigorou o estudo da lógica ao longo do século XX. Na opinião pública, ele era famoso tanto por seu ateísmo evangélico quanto por suas contribuições à filosofia técnica (RUSSELL, 2002)

Ao longo de uma longa carreira, Russell também fez contribuições importantes para uma ampla gama de outros assuntos, incluindo ética, política, teoria educacional e estudos religiosos, ignorando alegremente a admoestação de Hooke à Royal Society contra "intromissão na Divindade, Metafísica, Moral, Politicks, Grammar, Rhetorick ou Logick". Gerações de leitores em geral também se beneficiaram de seus escritos populares sobre uma ampla variedade de tópicos nas ciências humanas e naturais. Como Voltaire, a quem foi comparado, ele escreveu com estilo e sagacidade e teve enorme influência (SAGER, 2013).

Depois de uma vida marcada por controvérsias – incluindo demissões do Trinity College, Cambridge, e do City College de Nova York - Russell foi agraciado com a Ordem do Mérito em 1949 e o Prêmio Nobel de Literatura em 1950. Notável também por seu espírito antinuclear protestos e por sua campanha contra o envolvimento ocidental na Guerra do Vietnã, Russell permaneceu uma figura pública proeminente até sua morte, aos 97 anos (SANTOS, 2017).

As tentativas de resumir a vida de Russell foram numerosas. Um dos mais famosos vem do filósofo de Oxford AJ Ayer . Como escreve Ayer, “A concepção popular de um filósofo como alguém que combina o aprendizado universal com a direção da conduta humana foi mais satisfeita por Bertrand Russell do que por qualquer outro filósofo de nosso tempo”. Outro comentário revelador vem do filósofo de Harvard WV Quine: “Acho que muitos de nós fomos atraídos para nossa profissão pelos livros de Russell. Ele escreveu uma gama de livros para um público graduado, do leigo ao especialista. Fomos enganados pela inteligência e um senso de clareza recém-descoberta com respeito aos traços centrais da realidade” (FERGUSON, 2018).

Apesar de tais comentários, talvez o encapsulamento mais memorável da vida e obra de Russell venha do próprio Russell. Três paixões, simples, mas avassaladoramente fortes, têm governado minha vida: o anseio pelo amor, a busca pelo conhecimento e a insuportável piedade pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões como grandes ventos, me levaram para um lado e para o outro, em um curso rebelde, sobre um grande oceano de angústia, chegando à beira do desespero (MONTAIGNE, 2016).

O amor e o conhecimento, na medida do possível, levaram para o alto, em direção aos céus. Mas sempre a pena me trouxe de volta a terra. Ecos de gritos de dor reverberam no meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas por opressores,

idosos indefesos, um fardo odiado para seus filhos, e todo o mundo de solidão, pobreza e dor zombam do que deveria ser a vida humana. Anseio aliviar esse mal, mas não posso e sofro. Esta foi a minha vida. Descobri que vale a pena viver e ficaria feliz em vivê-la novamente se a chance me fosse oferecida (MONTAIGNE, 2016).

Por qualquer padrão, Russell levou uma vida enormemente plena. Além de seu trabalho intelectual inovador em lógica e filosofia analítica, ele se envolveu durante grande parte de sua vida na política. Já em 1904, ele falava frequentemente a favor do internacionalismo e em 1907 concorreu sem sucesso ao Parlamento. Embora fosse independente, ele endossou toda a plataforma liberal de 1907. Ele também defendeu a extensão da franquia às mulheres, desde que tal mudança política radical pudesse ser introduzida por meios reconhecidos constitucionalmente (WOOD 1957, p. 71). Três anos depois, ele publicou seu *AntiSuffragistAnxieties* (1910) (SANTOS, 2017).

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, Russell envolveu-se em atividades antiguerra e em 1916 foi multado em 100 libras por ser o autor de um panfleto antiguerra. Por causa de sua convicção, ele foi demitido de seu cargo no Trinity College, Cambridge (Hardy 1942). Dois anos depois, ele foi condenado pela segunda vez, desta feita por sugerir que tropas americanas poderiam ser usadas para intimidar grevistas na Grã-Bretanha (Clark 1975, 337-339). O resultado foi cinco meses na prisão de Brixton, como prisioneiro nº 2.917. Em 1922 e 1923, Russell concorreu mais duas vezes ao Parlamento, novamente sem sucesso, e junto com sua segunda esposa, Dora, fundou uma escola experimental que funcionou durante o final dos anos 1920 e início dos anos 1930 (Russell 1926 e Park 1963). Talvez não seja surpreendente (FERGUSON, 2018).

Embora Russell tenha se tornado o terceiro conde Russell, após a morte de seu irmão em 1931, o radicalismo de Russell continuou a torná-lo uma figura controversa até a meia-idade. Enquanto lecionava na UCLA, nos Estados Unidos, no final dos anos 1930, ele recebeu uma proposta de professor no City College, em Nova York. A nomeação foi revogada após uma série de protestos e uma decisão judicial de 1940 que o considerou moralmente incapaz para lecionar no College (Dewey e Kallen 1941, Irvine 1996, Weidlich 2000). A decisão legal se baseou em parte no ateísmo de Russell e em parte em sua fama como defensor do amor livre e dos casamentos abertos (COSTA, et al, 2012).

Russell viu que a tecnologia dos anos 1930 já estava tornando possível o tempo de lazer. (Isso é ainda mais verdadeiro com as transformações tecnológicas e computacionais no século XXI). No entanto, a sociedade não mudou no sentido de que ainda era um lugar onde alguns trabalham longas horas, enquanto outros estão desempregados. Isso é o que ele chamou de “a moralidade do Estado escravo...”. Ele ilustra com um experimento mental. Suponha que uma fábrica empregue um certo número de pessoas que trabalham 8 horas por dia e produzem todos os alfinetes de que o mundo precisa. Agora, suponha que uma invenção permita que o mesmo número de pessoas faça o dobro de alfinetes (SANTOS, 2017).

Na Inglaterra, no início do século XIX, quinze horas era o dia de trabalho normal para um homem; as crianças às vezes faziam o mesmo, e muito comumente fazia doze horas por dia. Quando intrometidos, intrometidos sugeriam que talvez essas horas fossem um tanto longas, eles eram informados de que o trabalho impedia os adultos de beber e as crianças de travessuras (FERGUSON, 2018).

Russell reconhece que há um dever de trabalhar no sentido de que todos os seres humanos dependem do trabalho para sua existência. O que se segue disso é que não devemos consumir mais do que produzimos, e devemos retribuir ao mundo em trabalho ou serviços pelo sustento que recebemos. Mas este é o único sentido em que existe o dever de trabalhar. E embora os ricos ociosos não sejam virtuosos, isso não é "nem de longe tão prejudicial quanto o fato de que se espera que os assalariados trabalhem demais ou morram de fome". Russell admite que algumas pessoas não usam seu tempo de lazer com sabedoria, mas o tempo de lazer é essencial para uma vida boa. Não há, portanto, nenhuma boa razão para que a maioria das pessoas deva ser privada dele, e "apenas um ascetismo tolo... faz-nos continuar a insistir no trabalho em quantidades excessivas agora que a necessidade não existe mais." (COSTA, et. al, 201).

Em 1954, Russell fez sua famosa transmissão “Man's Peril” na BBC, condenando os testes da bomba H do Bikini. Um ano depois, junto com Albert Einstein, lançou o Manifesto Russell-Einstein pedindo a redução das armas nucleares. Em 1957, tornou-se o principal organizador da primeira Conferência Pugwash, que reuniu muitos cientistas preocupados com a questão nuclear. Ele se tornou presidente fundador da Campanha pelo Desarmamento Nuclear em 1958 e Presidente Honorário do Comitê dos 100 em 1960 (MONTAIGNE, 2016).

Em 1961, Russell foi novamente preso, desta vez por uma semana em conexão com protestos antinucleares. A cobertura da mídia em torno de sua condenação serviu apenas para aumentar a reputação de Russell e para inspirar ainda mais os muitos jovens idealistas que simpatizavam com sua mensagem antiguerra e antinuclear. A partir de 1963, começou a trabalhar em uma variedade de questões adicionais, incluindo lobby em nome de prisioneiros políticos sob os auspícios da Bertrand Russell Peace Foundation (SAGER, 2013).

Ao longo de sua vida, Russell viu-se na condição de escritor, e não como um filósofo, listando “Autor” como sua profissão em seu passaporte. Como diz em sua Autobiografia, “resolvi não adotar uma profissão, mas me dedicar à escrita” (1967, p. 125). Ao receber o Prêmio Nobel de Literatura em 1950, Russell usou seu discurso de aceitação mais uma vez para enfatizar temas relacionados ao seu ativismo social (SANTOS, 2017).

sobre a vida de Russell são encorajados a consultar os cinco volumes autobiográficos de Russell: Retratos da memória e outros ensaios (A1956b), MyPhilosophicalDevelopment (1959) e The Autobiography of Bertrand Russell (3 volumes, 1967, 1968, 1969). Além disso, o acessível Bertrand Russell (1994) de John Slater oferece uma introdução curta, mas informativa, à vida, obra e influência de Russell. Outras fontes de informações biográficas incluem The Life of Bertrand Russell (1975), de Ronald Clark, dois volumes de Ray Monk, Bertrand Russell: The Spirit of Solitude (1996) e Bertrand Russell: The Ghost of Madness (2000), e o primeiro volume de Bertrand Russell: Critical Assessments (1999) de Andrew Irvine (COSTA et al., 2012).

Para obter uma cronologia das principais publicações de Russell, os leitores são incentivados a consultar a seção Literatura primária da bibliografia abaixo. Para obter uma bibliografia descritiva completa, consulte A Bibliography of Bertrand Russell (3 volumes, 1994), de Kenneth Blackwell e Harry Ruja. Uma lista menos detalhada aparece em Paul Arthur Schilpp, The Philosophy of Bertrand Russell (1944) (SAGER, 2013).

Para obter uma bibliografia detalhada da literatura secundária em torno de Russell até o final do século XX, consulte Andrew Irvine, Bertrand Russell: Critical Assessments, Volume 1 (1999). Para obter uma lista de livros novos e futuros

relacionados a Russell, consulte a página Forthcoming Books nos Arquivos de Bertrand Russell (SANTOS, 2017).

Para Russell (1872/1970) o significado do ócio não era de maneira alguma preguiça ou omissão, mas descanso, lazer e oportunidades diversas para atividades de escolha a serem feitas pelo indivíduo que gozaria de tal privilégio.

O problema é que em escala global, o excesso de trabalho é alvo de uma espécie de endeuamento, por falta de reflexão, ignorância ou mesmo as duas coisas por parte das pessoas. Por isso é creditada uma acentuada debilidade ao significado do ócio, chegando até erradamente uma grande massa de pessoas o apregoarem como execrável, sinônimo de vagabundagem, uma ação hostil, essas conclusões são oriundas de ideologias débeis e na maioria advindas de argumentações arbitrárias sem fundamentações seguras.

3- Direito à preguiça e o Elogio ao ócio

O pensamento de Russell (1872/1970) se opõe a ideia de marginalização do ócio. O ócio não deveria possuir um significado de letargia e adversidade, mas sim um descanso contemplativo mental, acesso a lazeres agradáveis, atividades para haver uma socialização positiva entre as pessoas, estreitar laços. Vejamos abaixo o que relata Woodhouse (2002) analisando a ideia de Russell: Russel admite que alguns iriam usar esse tempo livre para ganhar mais dinheiro e aumentar seu poder sobre os demais, mas acredita que essa tendência seria contrabalançada pelo número ainda maior de pessoas que optaram por atividades mais reflexivas (ocorrem a pesca, a jardinagem e o boliche), ou pelo engajamento em diversos tipos de trabalho comunitário. (WOODHOUSE apud RUSSELL, 2002, p.9).

Russell propõe uma solução de que quatro horas de trabalho seriam suficientes para se desfrutar um tempo de ócio satisfatório para todos.

Uma jornada de quatro horas diárias seria a solução para que as pessoas desfrutem um ócio satisfatório, podendo eleger o que mais

concerne ao seu bel prazer. Trazendo para os dias de hoje, com nossa tecnologia industrial e computacional, haveria plenas condições de haver milhares de postos de trabalho para toda a população mundial. (RUSSELL, 2002, p.17).

Será que a nossa tecnologia do século XXI possibilitaria um ócio adequado, tendo como uma carga horária de trabalho de 4 horas diárias?

O problema é que a evolução tecnológica ao longo do século, somente foi usada pra aumentar a larga escala de produção, paralelamente gerando o aumento da jornada de trabalho. (RUSSELL, 2002, p.17).

A questão do excedente era um problema considerável nos tempos de Russell. Mas ainda é para a atual época? Será que a obsessão rumo ao acumula de bens levará a humanidade a um determinado progresso? Russell diz:

O principal problema da humanidade com relação ao consumo e sobrevivência é um só, o acúmulo, o excedente produzido. Assim aumentam os lucros, gera a ganância, gera o aumento do trabalho e a alienação da maior parte do planeta, ou seja, lucros e mais lucros, igual a escravidão mental e corporal do trabalhador. (RUSSELL, 2002 p.17).

A solução na época para Russell:

Eu acho que se trabalha demais no mundo de hoje, que a crença nas virtudes do trabalho produz males sem conta e que nos modernos países industriais é preciso lutar por algo totalmente diferente do que sempre se apregoou. (RUSSELL, 2002 p.23).

Outro problema que Russell verificou na época, é que as pessoas pesavam em acumular bens, dinheiro e não aproveitavam plenamente os frutos do trabalho. Assim ele declarou que as pessoas que poupavam dinheiro eram inimigas delas próprias, pois além de perderem tempo só pensando em acumular, ainda atrapalhavam o circuito normal da economia. Pois se não gastam, não geram mais serviços e renda.

O que a gente esquece é que as pessoas geralmente gastam o que ganham e gastando geram empregos. Quando uma pessoa gasta seu rendimento, está alimentando com este gasto tantas bocas quanto as que esvazia com seu ganho. O verdadeiro vilão, sob este ponto de vista é indivíduo que poupa. Se ele apenas deixa sua poupança num pé-de-meia, é claro que não está ajudando a criar empregos. Mas se ele investe sua poupança, a questão é menos óbvia, e criam-se diferentes situações. (RUSSELL, 2002 p.24).

O pior era o empréstimo ao governo, que financiava guerras.

Mas considerando que o grosso do gasto público da maioria dos governos civilizados consiste na cobertura de despesas das guerras passadas e na preparação das guerras futuras, a pessoa que empresta seu dinheiro ao governo encontra-se na mesma posição do vilão que aluga assassinos. (RUSSELL, 2002 p.24).

O resultado líquido dessa prática econômica é aumentar a força armada do estádio qual a pessoa emprestou sua poupança. Melhor seria, obviamente, que ela gastasse seu dinheiro, mesmo que fossem no jogo ou na bebida. (RUSSELL, 2002 p.24).

As pessoas eram incentivadas a economizar, mas depois emprestavam ao governo. Seria também assim hoje em dia em que, somos incentivados ao empréstimo, aplicar no tesouro direto, jogar na lota ou endividar em cartões, empréstimos e crediários?

A pessoa que investe sua poupança em negócios fracassados está, portanto, prejudicando outras pessoas e a si mesma. Se ela gastasse seu dinheiro dando festas, por exemplo, seus amigos ficariam felizes (é o que se espera), bem como todos aqueles com quem seu dinheiro foi gasto: o açougueiro, o padeiro e o fornecedor de bebidas. Mas se a pessoa o gasta, digamos, na construção de ferrovias para trens de superfície num lugar onde os trens de superfície são inadequados, terá desviado uma enorme quantidade de trabalho por canais que não trazem qualquer benefício a ninguém. No entanto, se essa pessoa empobrece com o insucesso de seu investimento, será vista como vítima de uma desgraça imerecida, ao passo que o alegre esbanjador, que gastou seu dinheiro filantropicamente, será desprezado como pessoa tola e frívola. (RUSSELL, 2002 p.25).

Aos pobres e menos abastados somente delegaram apenas a tarefa de gerarem excedentes e mais excedentes, não para eles mas para a pequena parte detentora do capital e meios de produção.

Quero dizer, com toda aseriedade, que muitos malefícios estão sendo causados no mundo moderno pela crença na virtude do trabalho, e pela convicção de queo caminho da felicidade e da prosperidade está na redução organizada do trabalho. (RUSSELL, 2002, p.25).

Mas seria tal colocação proposital? Paul Lafargue, em sua obra denominada *Direito à preguiça*, já fazia uma análise bem robusta no que concerne o domínio das forças de trabalho para a alienação da classe trabalhadora, e cultivo de tempo excedente para a elite de sua época aproveitar ao máximo as suas horas de tempo livre para viver. Aproveitar seus momentos de ócio que são fundamentais para todos os seres humanos. Imagina hoje em dia com tal potencial tecnológico o que poderia ser feito?

Uma estranha loucura se apossou das classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista. Esta loucura arrasta consigo misérias individuais e sociais que há dois séculos torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor ao trabalho, a paixão moribunda do trabalho, levado até ao esgotamento das forças vitais do indivíduo e da sua progenitora (LAFARGUE, 200, p.7).

Mais na história da sociedade, o excesso de trabalho e acúmulo de excedente sempre se mostraram como cargos chefes para o controle humano e a pobreza da grande maioria. A classe social dominante do Século XXI vem desempenhando um papel semelhante sobre a classe trabalhadora? Ou seria apenas uma alusão à um texto considerado ou não ultrapassado por causa da sua edificação em tempos de outrora? Vejamos o que o autor mais uma vez nos dias com relação ao seu tempo e o que podemos direcionar para o agora:

Na sociedade capitalista, o trabalho é a causa de toda a degenerescência intelectual, de toda a deformação orgânica. Comparem o puro-sangue das cavaliças de Rothschild, servido por uma criadagem de bímanos, com a pesada besta das quintas normandas que lavra a terra, carrega o estrume, que põe no celeiro a colheita dos cereais. Olhem para o nobre selvagem, que os missionários do comércio e os comerciantes da religião ainda não corromperam com o cristianismo, com a sífilis e o dogma do trabalho, e olhem em seguida para os nossos miseráveis criados de máquinas. (LAFARGUE, 2003, p.7).

Para Russel existiam dois tipos de trabalho; o que movimentava a terra, e o que consiste em comandar aqueles que movimentam a matéria, que estendendo as relações de comando resulta na política.

Antes de mais nada: o que é o trabalho? Existem dois tipos de trabalho: primeiro, o que modifica a posição dos corpos na superfície da Terra ou perto dela, relativamente a outros corpos; segundo, que manda outras pessoas façam o primeiro. O primeiro tipo é desagradável e mal pago, o segundo é agradável e muito bem pago. O segundo tipo pode ser estendido indefinidamente: além daqueles que dão ordens, há os que dão conselhos a respeito das ordens que devem ser dadas. Geralmente, dois tipos opostos de conselhos são dados simultaneamente por dois dos, e a isto se chama de política. (RUSSELL, 2002, p. 25)

A situação é que os mais pobres não têm direito a um conhecimento contemplativo ao longo da história da humanidade em sua maioria. Esse tipo de conhecimento sempre foi mais acessível às gamas das elites do poder e capital.

Muitas das idéias correntes acerca do caráter virtuoso do trabalho deriva desse sistema que, no entanto, dada a sua origem pré-industrial, não é adequado ao mundo moderno. A moderna técnica trouxe consigo a possibilidade de que o lazer dentro de certos limites, deixe de ser uma prerrogativa de minorias privilegiadas e se torne um direito a ser distribuído de maneira equânime por toda a coletividade. A moral do trabalho é uma moral de escravos, e o mundo moderno não precisa da escravidão. (RUSSELL, 2002, p. 27)

Aos pobres e menos abastados somente delegaram apenas a tarefa de gerarem excedentes e mais excedentes, não para eles, mas para a pequena parte detentora do capital e meios de produção.

É claro que, se dependesse da sua vontade, os camponeses das comunidades primitivas não entregariam o magro excedente para garantir a subsistência de guerreiros e sacerdotes: teriam preferido produzir menos ou consumir mais. Por isso, no início, foi preciso forçá-los a produzir mais e entregar o excedente. Pouco a pouco, porém, descobriu-se que era possível induzi-los a aceitar uma ética segundo a qual era sua obrigação trabalhar duro, mesmo

que uma parte desse trabalho fosse destinada a sustentar o ócio de outros. (RUSSELL, 2002, p. 27)

Russell colocou uma digna primazia no que concerne aproveitamento das capacidades tecnológicas de sua época, e bom senso no que seja concernente produzir sem que a pessoa se torne também um mero escravo do que produziu, seja escrava do produto. Ele defende que o objetivo da vida não seria apenas trabalhar. Mas arduamente defendeu que as técnicas modernas favoreciam uma jornada de trabalho suficiente para que todos levassem uma vida satisfatória e completa.

A técnica moderna tornou possível a drástica redução da quantidade de trabalho necessária para garantir a todos a satisfação de suas necessidades básicas. (RUSSELL, 2002, p. 28)

Produz-se muita coisa e desperdiça bastante coisa também. Essa é a consequência do mundo moderno. O vitoriano citou assim o problema da produção dos alfinetes como exemplo:

Vejamos um exemplo. Suponhamos que num dado momento, uma certa quantidade de pessoas está empregada na fabricação de alfinetes. Elas produzem todos os alfinetes de que o mundo necessita, trabalhando, digamos, oito horas por dia. Então surge um invento com o qual as mesmas pessoas podem produzir o dobro da quantidade de alfinetes que produziam antes. (RUSSELL, 2002, p. 28)

Russell viu que a tecnologia dos anos 1930 já estava tornando possível o tempo de lazer. (Isso é ainda mais verdadeiro com a tecnologia do século 21). No entanto, a sociedade não mudou no sentido de que ainda era um lugar onde alguns trabalham longas horas, enquanto outros estão desempregados. Isso é o que ele chamou de “a moralidade do Estado Escravo ...” Na Inglaterra, no início do século XIX, quinze horas era o dia de trabalho normal para um homem; as crianças às vezes faziam o mesmo, e muito comumente fazia doze horas por dia. Quando intrometidos, intrometidos sugeriam que talvez essas horas fossem um tanto longas, eles eram informados de que o trabalho impedia os adultos de beber e as crianças de travessuras (Ferguson, 2018).

foi-lhes dito, que o trabalho mantinha os adultos longe da bebida e as crianças afastadas do crime. (RUSSELL, 2002, p. 29)

O problema é que a classe que consome e financia as forças de trabalho, aproveitam o ócio e não proporciona essa possibilidade para o proletariado, este que é a mola mestra que modifica e metaboliza a natureza, promovendo assim os frutos maduros do trabalho. Ao contrário, essa parte chamada proletário, é a explorada, mais

do que nunca e há séculos. Não é à toa que Russell reclamou nos parágrafos correspondentes que os mandantes do capital impiedosamente não poupavam nem as crianças na fábrica.

Fazerem os pobres morrerem de trabalhar sempre foi à tarefa principal das elites.

Lembro-me de uma velha duquesa exclamando: "O que querem os pobres com esses feriados? Eles deviam estar trabalhando." Hoje em dia as pessoas são menos francas, mas o sentimento persiste, e é fonte de boa parte de nossa confusão econômica. (RUSSELL, 2002, p. 29)

O fato é que trabalhar não é a única via da vida humana, e nisso Russell também opina.

Russell colocou uma digna primazia no que concerne aproveitamento das capacidades tecnológicas de sua época, e bom senso no que seja concernente produzir sem que a pessoa se torne também um mero escravo do que produziu, seja escravo do produto. Ele defende que o objetivo da vida não seria apenas trabalhar.

Movimentar a matéria em quantidades necessárias à nossa existência não é, decididamente, um dos objetivos da vida humana. Se fosse, teríamos de considerar qualquer operador de britadeira superior a Shakespeare. Fomos enganados nessa questão por dois motivos. Um é a necessidade de manter os pobres aplacados, o que levou os ricos a pregarem, durante milhares de anos, a dignidade do trabalho, enquanto tratavam de se manter indignos a respeito do mesmo assunto. O outro são os novos prazeres do maquinismo, que nos delicia com as espantosas transformações que podemos produzir na superfície da Terra. Nenhum desses motivos exerce um especial fascínio sobre o verdadeiro trabalhador. Se lhe perguntarmos qual é a melhor parte de sua vida, ele dificilmente responderá: "É o trabalho manual, que sinto como a realização da mais nobre das tarefas humanas, e também porque fico feliz em pensar na capacidade que tem o homem de transformar o planeta. É verdade que meu corpo precisa de horas de descanso, que procuro preencher da melhor forma, mas meu maior prazer é ver raiar o dia para poder voltar ao trabalho, que é a fonte da minha felicidade." Nunca ouvi nada do gênero saindo da boca de nenhum trabalhador. Eles encaram o trabalho como deve ser encarado, uma forma de ganhar a vida, e é do lazer que tiram, aí sim, a felicidade que a vida lhes permite desfrutar. (RUSSELL, 2002, p. 31)

As pessoas têm a necessidade de aprenderem até o que o chamado "culto da eficiência" condena o conhecimento não voltado para a produção e consumo de bens, o conhecimento que leva somente para a produção de excedentes.

Há quem diga que o lazer só é prazeroso até certo ponto e que as pessoas não saberiam como preencher o seu dia se tivessem uma jornada de quatro horas. Considerar isto uma verdade no mundo moderno constitui uma condenação da nossa civilização. As coisas jamais foram assim. A antiga propensão para a despreocupação e o divertimento foi de certo modo inibida pelo culto da eficiência. (RUSSELL, 2002, p. 32)

Ao longo da história, o mundo nunca cultivou o interesse em oferecer lazer aos humildes de poder aquisitivo. Como no nosso século atual existe uma corja que dizem que domésticas não podem viajar e frequentar a Disneylândia.

Há, por exemplo, pessoas sisudas que condenam o hábito de ir ao cinema, dizendo que ele induz a juventude ao crime. Mas o trabalho necessário à produção dos filmes é tido como respeitável, porque é trabalho porque gera lucro. A noção de que atividade boa é aquela que produz lucro constitui uma completa inversão da ordem das coisas. (RUSSELL, 2002, p. 32)

Continuando o direcionamento da questão:

O açougueiro que lhe vende carne e o padeiro que lhe vende pão são dignos de louvor, porque estão ganhando dinheiro. Mas se você come com deleite e vagar a comida que eles lhe venderam, você é um frívolo, a menos que só esteja comendo para ter energia para trabalhar. De modo geral, o que se diz é que ganhar dinheiro é bom e gastar dinheiro é ruim. Como se trata dos dois lados da mesma transação, tudo isso é um completo disparate. Todo mérito que possa existir na produção de bens tem de advir, forçosamente, do proveito que se obtém em consumi-los. (RUSSELL, 2002, p. 32)

Trabalha-se até os dias atuais para apenas um motivo majoritário, acumular bens excedentes. A ideia de viver com o essencial não é nada aceitável desses os tempos do vitoriano até hoje no século XXI. No início deste século para cá, a ideia de minimalismo e naturalismo vem ambos ganhando mais forças. Sustentabilidade e novos conceitos causados pelo grito de socorro que o planeta brada atualmente. Mas a ganância semelhante ao "culto da eficiência" de Russell continua ganhando força e não ver limite algum. Seria assim?

Em nossa sociedade, o indivíduo trabalha pelo lucro, mas a finalidade social de seu trabalho reside no consumo daquilo que ele produz. O divórcio entre os fins individuais e os fins sociais da produção é o que torna tão difícil pensarmos com clareza num mundo em que a busca do lucro constitui o único incentivo ao trabalho. (RUSSELL, 2002, p. 33)

O propósito do livro *O Elogio ao Ócio* de Russell é abordar em contexto filosófico e histórico e materialista a questão do lazer, tempo livre que uma pessoa poderia desfrutar. Esta análise minuciosa Russell realizou inserido em sua época século XX. Após a resolução industrial o potencial científico intensificou-se bastante no planeta. Será que após isso haveria uma possibilidade de se trabalhar quatro horas por dia e assim gerar postos de trabalho para a maioria da população, ou se não toda a população ativa do planeta? Segundo Russell seria possível. Mas como? Mudando

primeiramente a visão das pessoas sobre o Ócio, tempo livre. Segundo melhorando a estrutura das escolas e Universidades, para que se adequem ao esquema de intensificação de um ensino de qualidade. É, por conseguinte fazer com que as pessoas tenham a opção de adquirir conhecimento dito como inútil, mas que estaria longe de ser isso.

“E não estou aqui pensando apenas em atividades supostamente intelectualizadas”. As danças camponesas desapareceram, salvo nas áreas rurais mais remotas, mas ainda devem existir na natureza humana os impulsos que as fizeram florescer. As populações urbanas se tornaram fundamentalmente passivos: ver filmes, assistir a partidas de futebol, ouvir rádio e assim por diante. Isto ocorre porque as energias ativas da população estão totalmente absorvidas pelo trabalho. Se as pessoas tivessem mais lazer, voltariam a desfrutar prazeres em que participassem ativamente. (RUSSELL, 2002, p. 33)

Outro autor de semelhante ideia, o francês Paul Lafargue já muito tempo antes de Russell criticava também o culto da eficiência do seu século, em sua grande obra “direito à preguiça” Lafargue cita o exemplo dos trabalhadores britânicos para os autôrgueses de sua época. Faz questão de destacar a alienação em cima principalmente de mulheres e crianças. O poder implacável e desumano do estado, religião e burguesia.

No passado havia uma pequena classe ociosa e uma grande classe trabalhadora. A classe ociosa desfrutava vantagens que não tinham qualquer fundamento na justiça social, o que tornou essa classe inapelavelmente opressora, limitou seu sentido de solidariedade e levou-a a inventar teorias para justificar seus privilégios. Isso fez diminuir enormemente a sua excelência, mas não a impediu de ter contribuído para quase tudo o que hoje chamamos de civilização. Ela cultivou as artes e descobriu as ciências, escreveu os livros, inventou as filosofias e aperfeiçoou as relações sociais. Mesmo a libertação dos oprimidos foi geralmente iniciada a partir de cima. Sem a classe ociosa, a humanidade nunca teria emergido da barbárie. O método da hereditariedade de uma classe ociosa que não possuía qualquer obrigação gerou, no entanto, um extraordinário desperdício. Nenhum de seus membros aprendeu a ser diligente, e a classe como um todo não primava pelo brilho intelectual. (RUSSELL, 2002, p. 33)

Mas Russell ressalta também a importância da elite revolucionária, que mesmo alienando também criou seu gênio.

Esta classe foi capaz de produzir um Darwin. (RUSSELL, 2002, p. 33, 34)

Mas ressalta também o seu cruel domínio sobre os mais humildes:

mas a este se opunham milhares de proprietários rurais que jamais pensaram em coisas inteligentes do que caçar raposas e punir invasores de propriedade. Hoje espera-se que as universidades produzam de modo mais

sistemático aquilo que a classe ociosa produzia apenas acidentalmente como mero subproduto. Trata-se de um grande avanço, mas que tem seus inconvenientes. A vida universitária é tão diferente da vida do mundo exterior que, no meio acadêmico, as pessoas tendem a ficar alheias às preocupações e problemas dos homens e mulheres comuns. Além disso, elas utilizam um jargão de tal forma especializado que em geral as opiniões que expressam deixam de exercer a influência que deveriam ter sobre o público em geral. Outra desvantagem é que os estudos universitários são estruturados de tal forma que alguém que conceba uma linha original de pesquisa frequentemente se sente desencorajado. As instituições acadêmicas, por mais úteis que sejam não são os guardiães adequados dos interesses da civilização num mundo em que todos os que vivem fora de seus limites estão ocupados demais para dar atenção a atividades não-utilitárias. (RUSSELL, 2002, p.33,34)

Para Russell só poderíamos viver um mundo melhor para as pessoas, se o excesso de trabalho fosse abolido, e que as pessoas ocupassem todos os setores produtivos por apenas 4 horas diárias. .citar. Haveria sim tempo para lazeres, atividades de livre escolha pessoal, remuneradas ou não.

Num mundo em que ninguém tenha de trabalhar mais do que quatro horas diárias, todas as pessoas poderão saciar a curiosidade científica que carregarem dentro de si e todo pintor poderá pintar seus quadros, sem passar por privações, independente da qualidade de sua arte. Jovens escritores não precisarão buscar a independência econômica indispensável às obras monumentais, para as quais já terão perdido o gosto e a capacidade quando o momento chegar. Pessoas que em seu trabalho profissional se tenham interessado por alguma fase da economia ou da política poderão desenvolver suas idéias em aquele distanciamento acadêmico que faz o trabalho dos economistas da universidade parecer muitas vezes carente de senso da realidade. Os médicos terão tempo de estudar os progressos da medicina e os professores não precisarão se desesperar por estarem repetindo com métodos rotineiros ensinamentos que aprenderam na juventude e que, nesse meio tempo, podem já ter se tornado comprovadamente falso. Acima de tudo haverá felicidade e alegria de viver, em vez de nervos em frangalhos, fadiga e má digestão. O trabalho exigido será suficiente para tornar agradável o lazer, mas não levará ninguém à exaustão. E como não estarão cansadas nas horas de folga, as pessoas deixarão de buscar diversões exclusivamente passivas e monótonas. Uma pequena parcela dedicará, com certeza, o tempo não gasto na ocupação profissional a atividades de alguma utilidade pública, e, como não dependerão dessas atividades para a sua sobrevivência, não terão a originalidade colhida e nem necessidade de se amoldarem aos padrões estabelecidos pelos velhos mestres. (RUSSELL, 2002, p. 35)

E ele acrescenta mais:

Mas se por um lado é preciso admitir que as pessoas altamente instruídas são às vezes cruéis, eu creio não haver dúvida de que o são menos frequentemente do que aquelas cujas mentes permaneceram incultas. (RUSSELL, 2002, p. 42, 43)

Mas não é somente nessas situações excepcionais que as vantagens do lazer aparecerão. Homens e mulheres comuns, tendo chance de viverem vidas felizes, se tornarão mais afáveis, menos persecutórios e menos propensos a olhar os outros com desconfiança. O gosto pela guerra desaparecerá, em parte por este motivo, em parte porque a guerra implicará trabalho longo e penoso para todos. Dentre todas as qualidades morais, a boa índole é aquela de que o

mundo mais precisa, e ela é o resultado da segurança e do bem-estar, não de uma vida de luta feroz. Os modernos métodos de produção tornaram possíveis a segurança e o bem-estar para uma parcela maior de pessoas, mas, apesar disso, continuamos preferindo o sobretrabalho para alguns e a penúria para os demais. Ainda somos tão energéticos quanto éramos antes de existirem as máquinas. Nesse aspecto, temos sido tolos, mas não há razão para sermos tolos para sempre. (RUSSELL, 2002, p. 35)

O conhecimento útil e inútil faz parte do caminho da aprendizagem humana.

As pessoas devem possuir liberdade para escolherem o que desejam fazer ao bel prazer, seja de cunho econômico ou não. Todos devem ter direito à contemplação.

Se tratando de conhecimento, o que é avaliado como útil ou inútil fica ao crivo de cada pessoa, mas o que deve ser ressaltado é o direito em escolher, que deve ser ferozmente defendido.

Ao longo dos últimos cento e cinquenta anos, as pessoas passaram a questionar o valor do chamado conhecimento "inútil", com um vigor crescente, passando a acreditar mais e mais que o único conhecimento digno de mérito é aquele que se pode aplicar a algum setor da vida econômica da coletividade. (RUSSELL, 2002, p. 38)

Um das críticas veementes de Russell foi com relação da transformação do conhecimento em mero meio para se ganhar dinheiro. Pois para ele esse não era o único ponto de parada na vida humana.

Em toda parte, o conhecimento vai deixando de ser visto como um bem em si mesmo ou como um meio de criar-se uma perspectiva de vida humana e abrangente e se transforma em mero ingrediente da aptidão técnica. (RUSSELL, 2002, p. 39)

Para Russell precisamos também conciliar objetivos que não nos recobrem somente ao trabalho, mas sim também a coisas que nos levem há algo superior a mera aptidão técnica.

Não temos portanto, tempo mental para adquirir outros conhecimentos além daqueles que hão de nos ajudar na luta pelas coisas que consideramos importantes. (RUSSELL, 2002, p. 39)

A vantagem mais importante do conhecimento "inútil" é, talvez, a de incentivar a atitude mental contemplativa. O mundo tem revelado uma exagerada tendência para a ação, não apenas uma ação sem prévia adequada reflexão, mas também uma ação em momentos em que a sabedoria teria aconselhado a inação. (RUSSELL, 2002, p. 43)

Mas Russell ressaltava também a importância de se adquirir o conhecimento técnico.

Há muito que dizer sobre a visão estreitamente utilitária de educação. Não temos tempo de aprender tudo antes de começar a ganhar a vida e não resta dúvida de que o conhecimento "útil" é muito útil. (RUSSELL, 2002, p. 39,40)

4- Resoluções do problema

O Ócio na visão do vitoriano Russell deveria ser valorizado pelos seguintes aspectos; pela Possibilidade, pela Necessidade e pela Finalidade.

Pela Possibilidade: Porque com a tecnologia da época de Russell, as pessoas poderiam segundo o autor trabalharem 4 horas, havendo demanda de trabalho para todos e tempo de sobra para ócio e lazer, para toda a sociedade. Hoje será que haveria possibilidade para isso, implicando a tamanha capacidade tecnológica de nosso tempo?

Pela Necessidade: As pessoas precisam de descanso, não somente aquele pra o corpo, mas também para a mente. Para esse intento é necessário um ócio, um tempo dedicado à algo ao Bel prazer, livre escolha de cada indivíduo, e assim colaborando para o bem estar das pessoas e seus familiares. Isso reverberaria na sociedade global como um todo, pois desde o berço da civilização, a parte pensante e ociosa impulsionou as grandes evoluções e conhecimento intelectuais em todas as áreas, principalmente nas artes, ciência e filosofia. Para tudo isso houve ócio.

Pela Finalidade: Segundo Russell, a valorização do ócio é necessária, configurando assim que a finalidade do ócio é proporcionar um bem para o mundo livre e moderno, tanto na época do vitoriano quanto na nossa. O objeto da vida não é somente trabalhar, mas sim vivermos para o fruto que excede o trabalho, a contemplação das coisas.

O fato é que a tecnologia do século XXI é tão monstruosa comparada ao século passado. O que observava Russell naquela época é que após a revolução industrial, o mundo tinha a possibilidade do trabalho diário de apenas 4 horas, e pelo contrário, as pessoas trabalhavam muito mais horas a fio. Hoje seria possível essa jornada de 4 horas ou até menos, ou a exaustão ainda persiste mesmo no promissor século XXI, o século do futuro?

Quando sugiro a redução da jornada de trabalho para quatro horas, não quero com isto dizer que o tempo remanescente deveria necessariamente ser gasto em frivolidades. Quero dizer que quatro horas diárias de trabalho deveriam ser suficientes para dar às pessoas o direito de satisfazer as necessidades básicas e os confortos elementares da vida, e que o resto de seu tempo deveria ser usado da maneira que lhes parecesse mais adequada. Uma condição fundamental de um tal sistema social é que a educação ultrapasse as suas atuais fronteiras e adote como parte de seus objetivos o cultivo de aptidões que capacitem as pessoas a usar seu lazer de maneira inteligente. (RUSSELL, 2002, p. 33)

5- A finalidade plena do ócio

O hábito de buscar-se mais prazer no pensamento do que na ação constitui uma salvaguarda contra a imprudência e contra a imprudência e contra a paixão pelo poder, um modo de preservar a serenidade diante do infortúnio e a paz de espírito em meio à aflição. A vida confinada ao estritamente pessoal se torna, cedo ou tarde, insuportavelmente dolorosa. Somente através das janelas abertas para um universo maior e menos tormentoso é que os momentos mais trágicos podem ser suportados. (RUSSELL, 2002, p. 43, 44)

Como pode as pessoas ter saúde mental e corporal se, apenas são programadas para trabalhar? O capitalismo sempre se demonstrou desumano perante a classe operaria. O tempo reservado para o ócio e o lazer realmente são necessários para a saúde mental e corporal dos seres humanos. A teoria Russelliana com relação ao ócio vem demonstrando isso até nos dias atuais, século XXI?

A solução Russelliana pregada na obra correspondente será que realmente ratificaria a situação da escravidão trabalhista nos dias atuais do promissor século XXI? Talvez sim, ao menos na época em que Russell fez tamanha análise, teoricamente seria possível tal intento.

Quando sugiro a redução da jornada de trabalho para quatro horas, não quero com isto dizer que o tempo remanescente deveria necessariamente ser gasto em frivolidades. Quero dizer que quatro horas diárias de trabalho deveriam ser suficientes para dar às pessoas o direito de satisfazer as necessidades básicas e os confortos elementares da vida, e que o resto de seu tempo deveria ser usado da maneira que lhes parecesse mais adequada. Uma condição fundamental de um tal sistema social é que a educação ultrapasse as suas atuais fronteiras e adote como parte de seus objetivos o cultivo de aptidões que capacitem as pessoas a usar seu lazer de maneira inteligente. (RUSSELL, 2002, p. 33)

6- Considerações finais

Para Russell, o ócio seria um tempo útil, valioso e produtivo. Como? As pessoas poderiam passar esse tempo com suas famílias, amigos, tendo lazes e descanso físico e mental adequados, crescimento intelectual ou até mesmo para ganhar dinheiro. Para Russell o importante é que as pessoas teriam a livre escolha de suas atividades em seus tempos de ócio. Elas não precisam trabalhar 24 horas por dia para possuírem qualidade de vida, terem o necessário para se viver. Trazendo esta reflexão para os dias atuais, será que com tanta tecnologia no século XXI, não daria para nos proporcionar tais benefícios, e assim também aproveitarmos de tempo livre para atividades de nossa predileção? Na época da abordagem de Russell era o século XX, e ele defendia que era possível quatro horas de labor diário, isso ele analisando o aparato tecnológico industrial de sua época. Será que hoje não temos condições melhores para se programar isso até mesmo em menos horas de jornada de trabalho diário?

O Ócio na visão do vitoriano Russell deveria ser valorizado pelos seguintes aspectos; Pela Possibilidade, pela Necessidade e pela Finalidade.

Possibilidade: Porque com a tecnologia da época de Russell, as pessoas poderiam segundo o autor trabalharem 4 horas, havendo demanda de trabalho para todos e tempo de sobra para ócio e lazer, para toda a sociedade. Hoje será que haveria possibilidade para isso, implicando a tamanha capacidade tecnológica de nosso tempo?

Pela Necessidade: As pessoas precisam de descanso, não somente aquele pra o corpo, mas também para a mente. Para esse intento é necessário um ócio, um tempo dedicado a algo ao Bel prazer, livre escolha de cada indivíduo, e assim colaborando para o bem estar das pessoas e seus familiares. Isso reverberaria na sociedade global como um todo, pois desde o berço da civilização, a parte pensante e ociosa impulsionou as grandes evoluções e conhecimento intelectuais em todas as áreas, principalmente nas artes, ciência e filosofia. Para tudo isso houve ócio.

Pela Finalidade: Segundo Russell a valorização do ócio é necessária, configurando assim que a finalidade do ócio é proporcionar um bem para o mundo livre e moderno, tanto na época do vitoriano quanto na nossa. O objeto da vida não é somente trabalhar, mas sim vivermos para o fruto que excede o trabalho, a contemplação das coisas.

A ideia filosófica chave para Russell é que o trabalho físico, embora às vezes necessário, não é o propósito da vida. Porque então valorizamos tanto o Trabalho. Primeiro, porque os ricos pregam que o trabalho é digno para manter os trabalhadores contentes. Em segundo lugar, porque temos um certo prazer em como a tecnologia transforma o mundo. Mas o trabalhador típico não acha que o trabalho físico ou monótono seja significativo. Em vez disso, "consideram o trabalho, como deve ser considerado, um meio necessário para a subsistência, e é de seu lazer que obtêm qualquer felicidade que possam desfrutar".

Alguns objetam que as pessoas não saberiam o que fazer com mais tempo de lazer, mas se isso for verdade, Russell pensa que é "uma condenação de nossa civilização". Porque tudo deve ser feito em prol de outra coisa. O que há de errado em obter prazer intrínseco simplesmente brincando? É trágico que não valorizemos a alegria, a felicidade e o prazer como deveríamos. Ainda assim, Russell argumenta que o tempo de lazer não é mais bem gasto com frivolidade; o tempo de lazer deve ser usado com inteligência.

Com isso, ele não se refere apenas às atividades intelectuais eruditas, embora favoreça as atividades ativas em vez das passivas como bons usos do tempo de lazer. Ele também acredita que a preferência de muitas pessoas por atividades passivas em vez de ativas reflete o fato de que estão cansadas de tanto trabalho. Dê mais tempo para aproveitar a vida e as pessoas aprenderão a aproveitá-la.

Acima de tudo, haverá felicidade e alegria de viver, em vez de nervos em frangalhos, cansaço e dispepsia. O trabalho exigido será suficiente para tornar o lazer agradável, mas não o suficiente para produzir exaustão. Visto que os homens não ficarão cansados em seu tempo livre, eles não exigirão apenas diversões passivas e enfadonhas. Pelo menos um por cento provavelmente dedicará o tempo não gasto no trabalho profissional a atividades de alguma importância pública e, uma vez que não dependerão dessas atividades para sua subsistência, sua originalidade será desimpedida e não haverá necessidade de se conformar com os padrões estabelecidos por eruditos idosos.

Mas não é apenas nesses casos excepcionais que as vantagens do lazer aparecerão. Homens e mulheres comuns, tendo a oportunidade de uma vida feliz, se tornarão mais bondosos e menos perseguidores e menos inclinados a ver os outros com suspeita. O gosto pela guerra desaparecerá, em parte por esse motivo, e em parte porque envolverá um trabalho longo e árduo para todos. A boa natureza é de todas as

qualidades morais, aquela de que o mundo mais precisa, e a boa natureza é o resultado do conforto e da segurança, não de uma vida de árdua luta. Os métodos modernos de produção deram-nos a possibilidade de comodidade e segurança para todos; escolhemos, em vez disso, ter excesso de trabalho para alguns e fome para outros. Até agora, continuamos a ser tão enérgicos quanto éramos antes das máquinas; nisto temos sido tolos.

A pergunta central é: Por que a maioria das pessoas trabalha tanto, e mesmo assim não consegue desfrutar de um ócio, de um lazer adequado, para ao menos restabelecer em a saúde mental e física? Com tanto aparato tecnológico, tanta evolução da robótica, da informação e acelerados resultados no campo da física e da ciência? Será que há nesses entremeios uma disparidade entre as classes sociais no que concerne, propriedade dos meios de produção, só capital e do excedente produzidos?

Primeiro, na visão de Russell, grande parte da população mundial de sua época desprezava a ideia do conhecimento e do seu fruto que não fossem concernentes ao ganho de capital e a acumulação de sua sobra. Seria assim?

Segundo, que os detentores da grande quantidade de capital e donos dos meios de produção, sempre fizeram questão de esconderem o seu tempo excedente, aproveitá-lo e assim apregoar uma filosofia para a classe trabalhadora de que, ela sempre necessita de trabalhar o dia todo, a semana toda, os meses inteiros e assim morrerem trabalhando. Seria bem assim esse intento?

Terceiro, o conhecimento útil e inútil fazem parte do caminho da aprendizagem humana.

Quarto, A privação do Ócio ou Lazer para o ser humano pode induzir o mesmo a violência.

O fato é que: Os mais pobres não tem direito à um conhecimento contemplativo ao longo da história da humanidade em sua maioria. Esse tipo de conhecimento sempre foi mais acessível às gamas das elites do poder e capital. Aos pobres e menos abastados somente delegaram apenas a tarefa de gerarem excedentes e mais excedentes, não para eles, mas para a pequena parte detentora do capital e meios de produção. Repetindo a pergunta de outrora no capítulo Solução: A solução Russelliana pregada na obra correspondente realmente ratificaria a situação da escravidão trabalhista nos dias atuais do promissor século XXI?

Referências

COSTA, Ana Rita Firmino; BERTOLDO, Edna; PIZZI, Laura Cristina Vieira; LUIS, Suzana Maria Barrios. *Orientações Metodológicas para a Produção de Trabalhos Acadêmicos*. 7ª ed., EDUFAL, Maceió, 2012.

FERGUSON, Robert. *Lições de vida: Kierkegaard*. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

GALLO, Silvio. *Ética e cidadania - caminhada filosofia do futuro*. São Paulo: Papirus, 2002.

HEIDEGGER, M. *O que é isto - a filosofia?* Col. Os pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1973.

JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 1971.

LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Editora Claridade, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. *Elogio da filosofia*. Lisboa: Guimarães Editores, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. *A estrutura do comportamento*. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio: Que filosofar é aprender a morrer e outros ensaios*. Trad. Júlia da Rosa Simões, 1ª ed. Porto Alegre: L&M, 2016.

RUSSELL, Bertrand. *O Elogio ao Ócio*. Introduzido por Howard Woohouse; trad. Pedro Jorgensen Júnior. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SAGER, A. *Philosophy of leisure*. In: Blackshaw, Tony. (Ed.) *Routledge Handbook of Leisure Studies*. Oxon: Routledge, 2013.

SANTOS, M. F. Dos. *Filosofia da Crise*. 1ª ed. São Paulo: É Realizações, 2017.

Disponível em: <<https://www.significados.com.br/ocio/>> Acesso em: 10. Abr. 2019.